

Moderno transcontinental: o Complexo Monteiro & Giro em Quelimane, Moçambique

Ana TOSTÕES*, Maria Manuel OLIVEIRA^a

*Arquitecta (ESBAL, 1982), historiadora da Arquitectura (UNL, 1994), Phd (IST-UTL, 2002)

Presidente Docomomo Internacional
IST, Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa, PT
tostões@civil.ist.utl.pt

^aArquitecta (ESBAP, 1985), PhD Cultura Arquitectónica (UM, 2007), Escola de Arquitectura da
Universidade do Minho

Resumo

Tendo em vista um melhor conhecimento e compreensão da *diáspora* do Movimento Moderno, torna-se essencial visitar, analisar e documentar o importante património Moderno edificado na África Subsaariana, onde, com intensidades diversas, o debate se verificou e os modelos arquitectónicos foram reproduzidos, (re)colocados, *resignificados* e sujeitos às metamorfoses suscitadas pelas geografias além-mar.

Com o objectivo de contribuir para a documentação, conhecimento e consequente preservação do património arquitectónico Moderno, o artigo debruça-se sobre o Complexo Monteiro&Giro, edificado na cidade de Quelimane, em Moçambique, projectado e construído a partir da segunda metade dos anos 50 do século passado. Neste caso de estudo destaca-se a *modernidade* dos seus programas arquitectónico, urbano e social e, também, a pesquisa formal e tecnológica que o fundamentou.

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna, África, Património, Construção

1. A “África Portuguesa”, um *laboratório* de arquitectura

No ambiente do pós-guerra a ligação entre *arquitectura* e *revolução* transformou-se numa evidência para muitos dos arquitectos portugueses e a afirmação da Arquitectura Moderna converteu-se num compromisso que pretendia não só resolver o problema da habitação como ampliar a sua acção para o desenho da cidade e para o planeamento do território.

De facto, os pressupostos formais, tecnológicos e ideológicos do Movimento Moderno começaram a revelar-se expressivamente em obras construídas na África Lusófona a partir de finais de 40. Simbolizando esperança num futuro democrático, a Arquitectura Moderna era vista como uma forma de lutar contra o regime totalitarista do Estado Novo de Salazar.

Este ciclo Moderno teve lugar no contexto de uma política internacional muito contestada¹ e do tardio processo de industrialização do país e das colónias. A ênfase colocada nas infra-estruturas de grande escala foi acompanhada por uma expressão *moderna*, agora renovada sob a influência brasileira após a publicação do *Brasil Builds* (1943) e da grande difusão das obras sul americanas².

¹ Depois da II Guerra, a orientação da política colonial portuguesa deve ser entendida sob a intensa pressão das Nações Unidas. Tentando mitigar essa crítica, a ditadura procurou, nos anos 50, formar a ideia de uma identidade lusitana usando, nomeadamente e como discurso de referência, o *lusotropicalismo* de Gylberto Freire, o reputado sociólogo brasileiro.

² Philip Godwin; Kidder Smith, *Brasil Builds, Architecture Old and New*, MoMA, 1943. Seguem-se as monografias dedicadas ao tema: *L'architecture d'Aujourd'hui*, 13-14, Setembro 1947; *L'architecture d'Aujourd'hui*, 42-43, Agosto de 1952; Em Portugal: Vítor Palla, “Lugar da tradição”, *Arquitectura*, nº28, Abril 1949; “Arquitectura Moderna Brasileira (Exposição no IST)”, *Arquitectura*, nº29, Fevereiro-Março 1949; Rino Levi, “A arquitectura é uma arte e uma ciência”, *Arquitectura*, nº36, Novembro de 1950;

Ao longo dos anos 50, muitos arquitectos que convictamente acreditavam na capacidade transformadora da arquitectura, viajaram para as colónias africanas - aí, a expressão arquitectónica era mais livre de se afirmar que na metrópole, onde o regime inibia a difusão da Arquitectura Moderna. Também as especificidades geográficas e climáticas promoveram diferentes sentidos para o vocabulário moderno, que adquiriu novas expressões e escalas³. Numa sociedade aparentemente menos restritiva, os arquitectos partilharam a possibilidade de construir com base na universalidade do ideário *moderno*.

Este período constituiu um extraordinário desafio para a *geração Africana*⁴, que não só teve a possibilidade de trabalhar de acordo com uma linguagem fundada num discurso progressista, como se viu envolvida em encomendas de grande escala. Estimulados, ainda, pela imensidão da paisagem africana, estes arquitectos puderam acreditar que estavam a construir um novo mundo que cumpriria os desígnios que reclamavam e os mergulharia na contemporaneidade. Na aventura do desenho e da construção, criariam a *Utopia Moderna* em África.

Oscar Niemeyer, “Bloco de Habitações na Praia da Gávea”, *Arquitectura*, nº41, Março 1952; I Bienal de S.Paulo-Exposição Internacional de Arquitectura, nº41, Março 1952; *Arquitectura*, nº46, Fevereiro 1953; Lúcio Costa, “O Arquitecto e a sociedade contemporânea”, *Arquitectura*, nº47, Junho 1953; “O pintor Burle Marx e os seus jardins”, *Arquitectura*, nº52, Fevereiro/Março 1954; “Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira”, *Arquitectura*, nº53, Novembro/Dezembro 1954; Silvio de Vasconcelos, “Arquitectura Brasileira Contemporânea”, *Arquitectura*, nº88, Maio/Junho 1965. Também a revista *Técnica* da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico : Aníbal S.A.Vieira, “Brasília, cidade modelo”, *Técnica*, nº287, Dezembro de 1958. E mais tarde diversos números da *Binário*: Luís Boróbio, “Arquitectura da America entre Câncer e Capricórnio”, *Binário*, nº12, Setembro 1959; Lúcio Costa, “Brasília, Capital do Futuro”, *Binário* (número monográfico dedicado a Brasília), nº22, Julho 1960; “50 Anos de Arquitectura Brasileira”, *Binário*, nº62, Março 1972.

³ Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP, 1997.

⁴ José Manuel Fernandes, *Geração Africana; arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002.

2. Losa & Barbosa: *construindo a modernidade*

A partir de 1945 a cidade do Porto acolheu projectos de uma inusitada modernidade. Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1999) distinguiram-se neste processo como notáveis projectistas, tendo protagonizado uma significativa intervenção na cidade. Manipulando modelos importados, desenvolveram inovadoras propostas arquitectónicas em termos de imagem, espacialidade e organização funcional, sempre acompanhadas por um rigoroso domínio do detalhe e das tecnologias construtivas⁵.

O projecto Monteiro&Giro (M&G) para Quelimane, em Moçambique, foi elaborado no seguimento de outros com grande significado para a arquitectura portuguesa moderna⁶; a influência e os ensinamentos recíprocos são evidentes, testemunhando uma trajectória conceptual que adquire progressiva segurança e autonomia no desenho.

Em Portugal, o pós-guerra confirmou a ruptura Moderna. No contexto do Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura (1948), o regime foi desafiado com os arquitectos a clamar pela adopção dos princípios do Movimento Moderno e a exaltar a importância de uma resposta *racional e contemporânea* às questões da habitação e do planeamento urbano.⁷

⁵ *A exemplaridade de uma arquitectura desassossegada e perturbadora, na procura de uma originalidade que não pura ressonância do que navegava fora...*, Manuel Mendes, *O nosso escritório. 1945-1957*, 2008.

⁶ Referimo-nos, nomeadamente, aos edifícios da Carvalhosa (1945), da rua Sá da Bandeira (1946) e da rua de Ceuta (1950).

⁷ A análise dos artigos aí apresentados revela o tema da “Utopia da Arquitectura transformando a vida e a sociedade” como sendo o mais comum entre as 35 teses: a transformação do mundo exigia a participação dos arquitectos e parecia não só possível como alcançável. O arquitecto adquiria, assim, um eminente papel social, excedendo o seu canónico domínio de actuação. Expressando uma postura fortemente crítica, Arménio Losa afirmou aí que: “O País marcha na retaguarda das nações... Terá pois de apressar-se

As convicções políticas de Losa expressas nas contribuições para o Congresso, traduzem a profundidade do seu envolvimento cívico⁸. A sua actividade profissional deve ser analisada no âmbito deste espírito transformador, imbuído de justiça social e assente numa estrutura espacial desenhada para servir *não apenas alguns privilegiados mas toda a população*.

3. M&G, um conjunto inovador: a cidade e a fábrica

O empório comercial Monteiro&Giro, com administração no Porto, detinha interesses em Moçambique de natureza diversa, entre a exploração de matéria-prima e o cultivo de algodão e chá, à criação de gado. Nos anos 50, a ideia de instalar a sede em Quelimane, cidade portuária que polarizava a actividade comercial da província da Zambézia - uma posição estratégica potenciada pelos negócios cada vez mais prometedores da colónia - conduziu à encomenda de um importante projecto de arquitectura ao atelier de Arménio Losa e Cassiano Barbosa (AL.CB). Pretendia-se que este edifício não só viesse a acolher as instalações da empresa, conferindo-lhe uma visibilidade que não possuía até

para conquistar melhor posição na marcha do progresso... erguer-se-ão edifícios para o alojamento, a aprendizagem, a cultura e o recreio das populações atraídas pelas novas fontes da produção... existe em potencial a possibilidade de planear cidades novas, ou importantes conjuntos urbanos... O campo de acção do futuro é vasto, quase virgem... E o arquitecto será chamado... a sua colaboração será permanentemente reclamada..." (Arménio Losa, "A arquitectura e as novas fábricas", Tostões(ed.), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa, OA, 2008 [1948]: 127-128).

⁸ Arménio Losa e Cassiano Barbosa envolveram-se, empenhadamente, na vida cívica, cultural e associativa do seu tempo, através de uma efectiva participação na Organização dos Arquitectos Modernos, no Sindicato Nacional dos Arquitectos e em revistas e exposições.

então, como a permitir explorar outras frentes de negócio, nomeadamente na área turística⁹ e imobiliária.

Um desígnio desta natureza, ao implicar uma obra de uma escala urbana inexistente no norte de Moçambique, dotaria a pequena cidade de Quelimane de um dispositivo que marcaria indelevelmente o seu perfil, atribuindo-lhe uma vocação cosmopolita e *moderna*.

As dificuldades de natureza operacional eram evidentes: como construir um edifício desta dimensão em circunstâncias de isolamento, ausência de mão de obra e de matéria-prima? A descoberta de uma excepcional qualidade de argila nos arredores da cidade¹⁰ contribuiu para a solução, alargando o horizonte do investimento e sugerindo a edificação de uma fábrica de cerâmica que faria o apoio, também, à construção do edifício em Quelimane.

Ganha forma e estrutura-se, assim, uma ampla e estratégica visão de conjunto, só possível em lugares onde, na perspectiva eurocêntrica e Moderna, *quase tudo estaria por fazer*¹¹. Assumindo, aventurosamente, os riscos que a infinidade da *promessa* africana parecia, à época, justificar.

⁹ A Zambézia possuía uma extensa e riquíssima área de caça assim como uma costa com praias magníficas.

¹⁰ Sob iniciativa do gestor de todo projecto M&G, o Eng. António Carlos Ribeiro da Costa (1928-), que detectou a existência da argila local, as pesquisas sobre as suas propriedades foram desenvolvidas em Itália, em Asti, nos arredores de Turim.

¹¹ M&G é um exemplo, entre vários que se conhecem, e que foram implementados em escalas muito diversas. Vila Serra do Navio, na Amazônia, por Oswaldo Brathke, é talvez o paradigma da intervenção arquitectónica Moderna *ex novo*, exigida por razões de ordem empresarial e construída em condições de grande afastamento à tecnologia e à mão de obra qualificada.

O Complexo M&G é, assim, simultaneamente, composto por dois projectos que, embora autónomos, dependem intrinsecamente um do outro. Uma proposta cidadina e um conjunto industrial que invocam a densa urbanidade da *Unité d'Habitation* e o conceito da *Fábrica Verde* que Losa tinha, tão veementemente, defendido no Congresso de 48¹².

3.1. O Edifício *Chuabo*, o pólo urbano:

Fazendo face à Catedral, o *Chuabo*¹³ implanta-se sobre a avenida principal de Quelimane, que corre paralela ao rio Bons Sinais. Afirmando uma centralidade urbana inquestionável, apresenta-se como um quarteirão completo, que embora composto por blocos funcionalmente diversos observa uma integridade formal notável. Constitui-se, de facto, como um edifício único que inclui quatro volumes diferenciados cujos usos respondem às circunstâncias urbanas específicas das suas várias frentes.¹⁴

¹² Citando *Les Trois Établissements Humains*, AL defendia em 48 que “A fábrica não será de futuro o edifício negro e sujo... mas elemento precioso de valorização estética... As árvores, os jardins rodearão a fábrica, penetrarão mesmo nela. E o trabalho deixará de ser obrigatoriamente segregado, isolado da Natureza... A nova fábrica será a «fábrica verde».” (Arménio Losa, “A arquitectura e as novas fábricas”, Tostões(ed.), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa, OA, 2008 [1948]: 133-134).

¹³ *Chuabo* é a palavra que designa o lugar e o dialecto local.

¹⁴ Marcando indelevelmente o *skyline* de Quelimane, só mais tardiamente, com a edificação do Banco Nacional Ultramarino (uma peça notável da autoria de Francisco José de Castro, apenas concluída em 1973), o *Chuabo* partilhou o protagonismo urbano que até aí tinha desfrutado isoladamente.



Fig. 1 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968.

O edifício engloba um hotel de substanciais dimensões, instalado no corpo mais elevado do conjunto - que constitui, com os seus nove pisos, a frente urbana principal - e três outros blocos que albergam habitação colectiva, comércio e serviços. Ocupando parte do interior do quarteirão e encerrando o seu topo norte, um volume diferenciado, com dois pisos, contém a garagem e a estação de serviço, juntamente com armazéns de apoio às actividades desenvolvidas.

A encomenda feita em 1954 ao escritório AL.CB referia-se, no entanto, a um edifício compacto e contínuo que ocuparia as várias frentes de rua. Mas logo nos primeiros

estudos os arquitectos avançaram com a proposta de um conjunto de volumes com diferentes alturas e dimensões, interrompidos nos cunhais e articulados pela massa ininterrupta dos dois primeiros pisos, onde se localizaria, predominantemente, o comércio e os escritórios.¹⁵

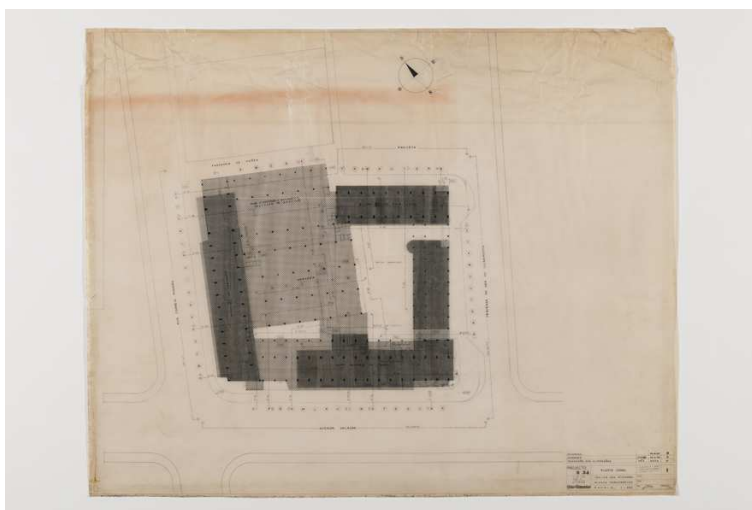


Fig. 2 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968. Planta geral, Índice dos desenhos, Planta topográfica; Escala 1:200; n/ass., dat.: Março 56. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

O impacto do edifício, assumindo um quarteirão de escala colossal em relação à cidade de Quelimane é a expressão de uma monumentalidade *moderna*¹⁶.

¹⁵ Inicialmente desenvolvido ao longo de três lados, conformando um “U”, o edifício viu surgir um quarto lado, encerrando um grande pátio interior (onde se viria a localizar a garagem de serviço) quando, ainda no início do projecto, o cliente adquiriu uma nova parcela de terreno, facto que permitiu ao conjunto ganhar autonomia total em relação à envolvente.

¹⁶ J.L.Sert; F. Léger; S. Giedion, *Nine Points on Monumentality*, 1943; Sigfried Giedion, “The Need for a New Monumentality”, in Paul Zucker, *New Architecture and City Planning*, Proceedings, 1944.

Sedimentando o programa em camadas horizontais, o comércio situa-se no piso de contacto com rua (sendo por vezes apoiado por uma *mezzanine* que aproveita o elevado pé-direito) e o piso multifuncional imediatamente acima; segue-se, nos andares superiores, a área residencial, organizada segundo várias tipologias que se distribuem pelos três blocos, estando projectados apartamentos T3 duplex e T0¹⁷.

As galerias de distribuição, servidas nos topos dos blocos por caixas de escadas que os rematam, circundam o pátio conectando todos os usos. Protegidas por *brise-soleil* que desenham e conferem coerência à fachada do interior do quarteirão, essas galerias funcionam como *ruas aéreas*, espaço colectivo que medeia o público e o privado.¹⁸

O hotel, com nove pisos, segue esquema similar de sobreposição funcional, propondo um átrio com duplo pé-direito, sobre o qual se abre uma *mezzanine* que articula as áreas sociais e o nível da galeria. O volume que lhe corresponde destaca-se no exterior do edifício, um corpo projectado sobre uma profunda pala que percorre a avenida marcando e protegendo as entradas do hotel, do bar e de um dos blocos laterais, constituindo um embasamento sobre o qual se destaca a massa dos quartos de hotel. O edifício remata no topo superior com um piso ligeiramente recuado onde se localizam a sala de jantar e a *boîte*, ligadas por uma extensa varanda que se abre sobre o rio e a desmesurada paisagem que rodeia a cidade.

¹⁷ Denotando uma forte e directa influência pelos já referidos (nota4) edifícios projectados em período imediatamente anterior pelo atelier AL.CB, para o Porto.

¹⁸ Restabelecendo o uso do pátio como elemento intrínseco e comum ao conjunto – e (re)interpretando, talvez, o seu significado na cultura tradicional africana (Udo Kultermann, *New Directions in Africa Architecture*, NY, 1969; Elleh Nnamdi, *African Architecture, evolution and transformation*, NY, 1997) –, a Memória Descritiva do Projecto (Março 1956) estipulava: *a cobertura da estação de serviço é destinada a parque infantil... dos blocos residenciais* [de onde as famílias poderiam vigiar as crianças]... [sendo] *o acesso a este recreio directo de cada bloco*.



Fig. 3 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968 (Foto: Figueirinhas Correia)

Mas à aparente estratificação horizontal do edifício contrapõe-se uma vibrante espacialidade quando é lido *em corte*: o que deixa supor, aliás, que este é um projecto pensado nas múltiplas variantes da secção vertical que proporciona, tanto longitudinal como transversalmente. Face a uma relativa compacidade volumétrica que apresenta exteriormente, o edifício recorta-se quando é lido em perfil, todo ele trabalhado de forma a estabelecer tensões e equilíbrios perceptíveis a quem habita o espaço a partir do seu interior – reconhecendo-se aqui, de novo, a presença da herança corbusiana.

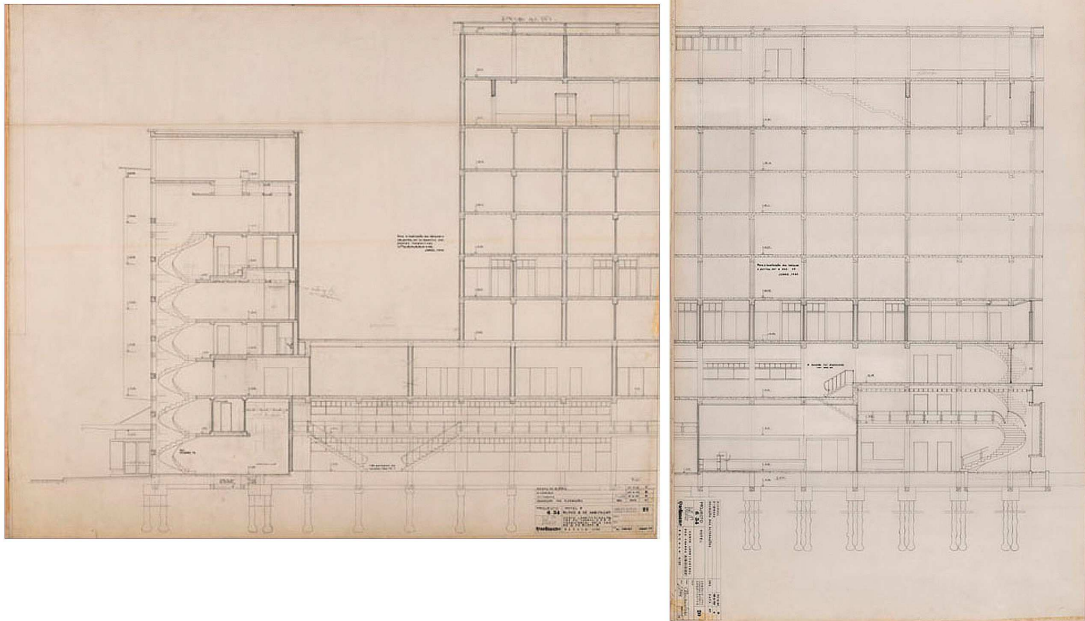


Fig. 4 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968. Hotel e Bloco A de habitação, Corte longitudinal entre os tramos J e P e transversal pelo tramo A do Bloco A; Escala 1:50; n/ass., dat.: Março 56. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

Fig. 5 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968. Hotel, Corte longitudinal dos tramos A B C D E F; Escala 1:50; ass., dat.: Arménio Losa, Março 56. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

Associadas à sua monumentalidade, também a diversidade e a justaposição de tipologias activaram a concentração e a mescla de usos, intensificando a urbanidade do edifício e atribuindo-lhe, assim, um papel fulcral na configuração *moderna* da cidade.

O edifício do Chuabo mostrou-se, ainda, uma oportunidade para desenvolver um desenho de simbiose entre várias escalas e temas: os arquitectos criaram um design

global, que cruzou no projecto de arquitectura decisões de ordem urbanística com a concepção integral do mobiliário, não obviando a inclusão de obras de arte europeias e nativas – que podem ser apreciadas tanto no átrio de entrada¹⁹ como no extraordinário fresco que cobre a parede da *boîte* do Hotel Chuabo e que foi realizado por cinco artistas locais²⁰.

3.2. A Cerâmica Montegiro, o pólo industrial:

Localizado em Muirua, a cerca de 15 km de distância de Quelimane, o pólo industrial - implantado em área argilosa e, estrategicamente, adossado à linha do caminho de ferro - constituiu-se como um pequeno conjunto de apoio directo à produção, uma vez que para além das próprias instalações fabris, era necessário alojar os trabalhadores que lhe dispensavam apoio técnico.

Este aglomerado, planeado como uma estrutura organizada axialmente em torno de um arruamento motorizado que liga o exterior do terreno ao seu centro, compreende a fábrica de cerâmica²¹, um conjunto habitacional para trabalhadores e o respectivo equipamento de apoio. Deste, destaca-se a *messe*, um edifício que polarizava a vida social e providenciava refeições aos residentes. Os espaços exteriores, que previam jardins e zonas de recreio para adultos e crianças, complementavam este conjunto fabril, idealizado como um microcosmo onde as 4 *funções* se complementavam –

¹⁹ Onde se encontra uma peça atribuída ao escultor José Rodrigues.

²⁰ Estes artífices decoravam as paredes dos edifícios das aldeias em que viviam, nos arredores de Quelimane. “Descobertos” pelo arqto Eduardo de Lima Figueirinhas Correia (1922-), aceitaram o convite e realizaram, com tinta corrente da construção civil, o fantástico painel que se pode admirar no último piso do Hotel Chuabo.

“Habitation”, “Loisir”, “Travail”, “Circulation”²². Simultaneamente, ao instalar-se em plena natureza, o projecto propunha que *as árvores e os jardins rodeassem a fábrica*, materializando, de alguma forma, a *fábrica verde* cuja apologia Losa tinha feito já no Congresso de 48.

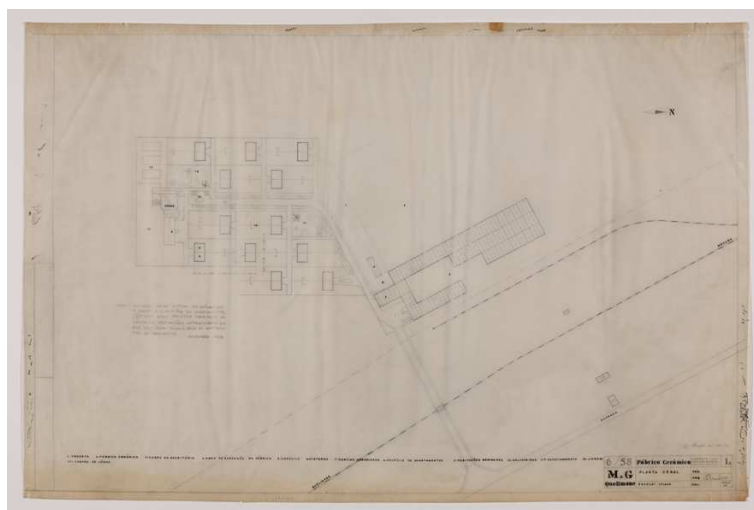


Fig. 6 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro & Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Fábrica Cerâmica, Planta geral; Escala 1:1.000; ass., dat.: *Arménio Losa*, Março 58. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

Embora com uma encomenda do projecto mais tardia (1956) do que a do edifício Chuabo (1954), a premência da laboração da fábrica, tendo em vista o fornecimento de materiais para as respectivas obras, fez com que o desenho e a edificação deste núcleo avançasse em primeiro lugar.

²¹ Relativamente ao edifício da fábrica, AL.CB desenharam a cobertura geral, os escritórios, vestiários, cantina, etc., e os arranjos circundantes; quanto ao corpo principal, *limitaram-se a uma simples contribuição no desenvolvimento de um projecto já previamente elaborado* (carta de Abril de 1958).

²² Cf. CIAM 4, 1933; Le Corbusier, *La Ville Fonctionnelle [La Charte d’Athènes]*, 1943.

As casas, geminadas e destinadas a famílias residentes, distribuem-se perpendicularmente ao caminho de distribuição, rodeadas por pequenos logradouros que os arquitectos insistem em não ser encerrados para não perder o sentido vasto do conjunto. São volumes paralelepípedicos elevados sobre *pilotis* e rematados por uma cobertura de duas águas revestida a telha cerâmica.²³



Fig. 7 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro&Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Foto: Ana Tostões.

²³ No pavimento térreo localizam-se as instalações dos empregados domésticos e a garagem, no piso superior a área de habitação principal, entregue aos destinatários totalmente equipada e mobilada segundo desenhos elaborados também no atelier. Destaca-se, nestes módulos, de volumetria e organização elementares (De facto, a organização destas habitações não mostra a subtileza espacial que se revela nos apartamentos do edifício Chuabo), a sofisticação - algo anacrónica - das escadas em betão que ligam os dois pisos, executadas segundo um recorte complexo e de difícil execução.

Um outro edifício habitacional, desenvolvido em banda contínua, alberga *apartamentos tipo hotel*, destinadas a visitantes e a técnicos não acompanhados por família. Implantado no alinhamento de um corpo abobadado (a *messe*) e com ele articulado directamente por meio de uma passagem coberta, *um corredor aberto que une os dois edifícios num só conjunto arquitectónico* que conforma o remate do aglomerado, constituindo-se como o seu *ponto dominante e de convergência*.²⁴

A *messe*, um belíssimo edifício do ponto de vista formal e construtivo, é definida por uma cobertura em abóbada, um cruzeiro apoiado nos seus quatro cunhais, conformando uma planta quadrada com cerca de 440m² e *funcionando como um grande guarda-sol de protecção*.

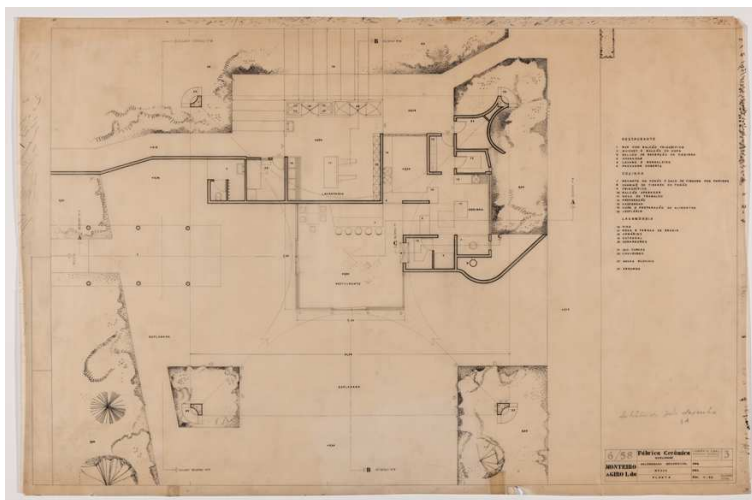


Fig. 8 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro&Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Fábrica Cerâmica Quelimane, Aglomerado residencial, Messe, Planta; Escala 1:50; n/ass., dat.: Novembro 1958. Arquivo FAUP/CDDA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

²⁴ Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Memória Descritiva, Novembro 1958.

Sob o seu centro geométrico encontra-se a sala de restaurante e os apoios directos que ocupam também um quadrado, sugerido pelo tecto - uma abóbada em estrela invertida, suspensa por quatro pontas - e definido por grandes caixilharias de correr que permitiam abrir o espaço para a esplanada exterior. De acordo com os arquitectos, a messe era *um edifício especial, caracterizado particularmente por uma cobertura abobadada que lhe confere volume e forma...*²⁵ Este espaço é percorrido por uma parede ondulante e revestida a cerâmica especial, produzida na fábrica, que separa a zona de serviços da área de refeições e se estende para além da área encerrável, contribuindo, em conjunto com o prolongamento do pavimento *para aumentar a sensação de inexistência dos [seus] limites.*²⁶



Fig. 9 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro&Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Foto: Maria Manuel Oliveira.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Idem.

Ainda hoje, após décadas de abandono e em avançado estado de degradação, a messe é uma peça com uma presença extraordinária, a marca de uma modernidade que a história e paisagem africanas surpreendentemente conservaram.

4. Sobre a construção e os construtores: a tectónica e a *circunstância*

As preocupações de ordem tectónica e construtiva encontravam-se na ordem do dia e as dificuldades de natureza operacional associadas ao projecto M&G eram evidentes: como construir com esta ambição em circunstâncias de isolamento, ausência de mão-de-obra e materiais adequados?

À descoberta dos depósitos de argila e conseqüente decisão de edificar uma fábrica de cerâmica como uma nova valência capaz de servir a construção, associou-se uma complexa gestão de planeamento das obras. O projecto de arquitectura deveria assim, para além das questões de ordem tectónica que lhe eram inerentes, incorporar nas soluções preconizadas esse tipo de preocupações²⁷.

Ambos os projectos, para Quelimane e para Muirua, revelam o esforço de adequação ao clima quente e húmido da região da Zambézia, através da adaptação de soluções dos edifícios tradicionais, como as paredes perfuradas, que são utilizadas tanto no conjunto fabril como no quarteirão Chuabo; assumem-se, ainda, outros dispositivos para

²⁷ *De um modo geral procura tirar-se o melhor partido da utilização dos materiais cerâmicos que a Fábrica produzirá, mesmo na fase experimental e que se prestam a soluções de acabamento de alto valor qualitativo* (Memória Descritiva, Novembro de 1958). Esta articulação entre projecto e produção, permitiu soluções muito interessantes, como aquela que presidiu à execução de abóbadas autoportantes na messe num tipo de tijolo especial, também executado na fábrica (conforme entrevista a engº Ribeiro Costa, Abril de 2011).

assegurar sombra e ventilação aos espaços interiores, adoptando, na transição para o exterior, varandas profundas e cobertas, assim como a aplicação de *brise-soleil*.

Reconhecendo a necessidade de importar grande parte dos materiais, foi procurado retirar o maior proveito daqueles que, existentes no local, poderiam ser utilizados²⁸.

No pólo industrial, as opções de ordem construtiva, pensadas de forma a responder eficazmente às exigências do clima tropical, conduziram não só à elevação dos edifícios e da previsão de uma varanda envolvente à casa, coberta e substancialmente protegida por paredes em cerâmica vazada, como também ao aproveitamento do vão do telhado funcionando como uma caixa de ar ventilada, independente dos tectos. A implantação do aglomerado orienta-se norte-sul no sentido do controle da incidência solar e da captação das brisas dominantes e os edifícios, com particular destaque para a *messe*, exploram formalmente as características necessárias a um máximo sombreamento e ventilação.

Embora continuando a utilizar os materiais disponíveis localmente, o edifício Chuabo exigiu um aparato técnico-construtivo de outra escala. Com uma área total de cerca de 22.000m² (estrutura em betão armado, caixilharias também em alumínio e obras sofisticadas nas várias artes, infraestruturas e equipamentos), recorreu sobretudo a trabalho deslocado da metrópole. Com uma equipa de cerca de quarenta pessoas, incluía a direcção de obra – que contava com um arquitecto (arq. Figueirinhas Correia) residente e com um engenheiro civil (eng. Ribeiro Costa) que fazia também toda a sua gestão -, mestres e operários das várias artes. Esta equipa fez formação de artífices

²⁸ Esta pesquisa envolveu consultas várias relativas, nomeadamente, às madeiras disponíveis; após analisada e testada no Laboratório de Engenharia Civil, em Lisboa, a madeira de Jambir foi aplicada na construção (conforme entrevistas a arq. Figueirinhas (Janeiro de 2011) e engº Ribeiro Costa).

locais, tendo tido uma importante acção na qualificação do sector construtivo em Quelimane.²⁹

E se actualmente o núcleo da fábrica, embora cuidado, se encontra parcialmente abandonado, em Quelimane, os blocos de habitação no edifício Chuabo estão profundamente atingidas pelos problemas que afectam a cidade, revelando infraestruturas em falência e falta de manutenção. O hotel continua no entanto em actividade e dispõe, ainda, de condições admiráveis em termos da integridade original dos seus espaços e mobiliário – pese embora o passar dos anos, que está a colocar no limite a sua capacidade material de resistir ao tempo e aos usos.³⁰

5. a diáspora *transcontinental* Moderna

O Complexo M&G em Quelimane deve, pois, ser entendido dentro do contexto africano, num processo de transformação mais abrangente. De facto, a linguagem do Movimento Moderno, trabalhada a partir do confronto entre considerações de ordem cultural e tecnológica revela, nesse compromisso, como as tradições ocidental e africana se mesclaram no sentido de encontrar novas sínteses. Nesta assumpção, o património

²⁹ A execução do Complexo M&G prolongou-se até ao final da década de 60, dando origem a um enorme processo desenhado e escrito que confirma um método de trabalho de elevada competência, tanto por parte do projecto de arquitectura - rigoroso e totalmente detalhado, como era habitual do escritório AL.CB - como, também, de um notabilíssimo acompanhamento técnico da obra. Traduz, esta realização, uma formidável confiança nas virtualidades da arquitectura Moderna e na irrepreensível eficácia de um plano concebido com uma metódica racionalidade.

³⁰ Este manifesto Moderno – que mantém a aura de notabilidade arquitectónica que sempre lhe assistiu – encontra-se assim no limiar da sobrevivência, numa sociedade que não só não dispõe dos meios e instrumentos necessários ao seu reconhecimento e salvaguarda como, naturalmente, o olha com alguma suspeição, produto que é de uma ocupação colonial de presença e memória ainda recentes.

arquitectónico africano filiado no Movimento Moderno começa a ser reconhecido pela crítica, estimulando a pesquisa e os estudo comparativos.³¹

O desejo e a possibilidade de trabalhar segundo uma orientação que se pretendia *verdadeira e progressista*, através da concretização de obras pioneiras e com grande significado urbano e social, representou um profundo desafio para a arquitectura moderna produzida neste período em África. Realizações que também nos dão notícia de um intenso período de partilha e colaborações porque, como sabemos, os arquitectos eram, nesta aventura, permanentemente acompanhados por audaciosos investidores, grandes engenheiros e empenhados artistas.

* Este artigo foi escrito no âmbito do projecto FCT de investigação em curso *EWV Exchanging World Visions: modern architecture in Lusophone Africa looking through Brazilian experience* (PTDC/AUR-AQI/103229/2008), desenvolvido por IST.UL-EA.UM, Portugal

³¹ Entre outros, o trabalho de Maxwell Fry (1899-1987) e Jane Drew (1911-1996) na Universidade de Ibadan, na Nigéria (1956), a estadia de Ernst May (1886-1970) na Tanzânia e no Quénia (1934-1952)³¹, a obra de Rex Martensen (1905-1942) nos anos 30 em África do Sul, a contribuição de Denys Lasdun (1914-2001) para o avanço da tecnologia no Gana ou, ainda, a notável arquitectura de Vasco Vieira da Costa (1911-1982) em Angola - assim como, em Moçambique, a de Pancho Guedes (1942-) que, com uma arquitectura que eloquentemente traduziu a sua interpretação da identidade cultural africana, escrevia que *buildings should belong to the people, architecture should become real and alive, and beauty should be warm and convulsive*. (*Architectural Review*, London, nº770, April 1961, pp.240-250) - são exemplos que fundamentam a investigação sobre os caminhos e identidade(s) da Arquitectura Moderna da África Subsaariana.

Bibliografia:

Architectural Review, London, nº770, April 1961

Docomomo Journal, Paris, n.28, March, 2003.

Fernandes, José Manuel, *Geração Africana; arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

Fry, Maxwell, *Tropical Architecture in the Humid Zone*, London: 1956.

Kultermann, Udo, *New Directions in Africa Architecture*, NY: 1969.

Losa, Arménio, “A arquitectura e as novas fábricas”, Tostões(ed.), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa: OA, 2008 [1948].

Mendes, Manuel, *O nosso escritório. 1945-1957*, Porto: 2008.

Nnamdi, Elleh, *African Architecture, evolution and transformation*, NY: 1997.

Olgyay, Victor, *Design with climate, Bioclimatic approach to architectural regionalism*, Princeton: 1963.

Segawa, Hugo; Dourado, Guilherme; Bratke, Oswaldo, *Oswaldo Arthur Bratke*. S. Paulo: PRO Editores, 1997.

Tostões, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto: FAUP, 1997.

9º seminário docomomo brasil
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brasil . junho de 2011 . www.docomomobsb.org